

Como e por que sou romancista

Aos onze anos não conhecia uma só palavra de língua estrangeira, nem aprendera mais do que as chamadas primeiras letras. Mas era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.

Morávamos então na rua do Conde nº 55. A sala do fundo era a estação habitual da família.

Não havendo visitas de cerimônia, sentavam-se minha boa mãe e sua irmã, Dona Florinda, com os amigos que apareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro.

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas, para não ficarem ociosas, as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo, e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado a repetir. Compensavam esse excesso as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também, cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

Nesse instante chegava à porta um parente nosso, o padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar. Vendo-nos todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

- Que aconteceu? Alguma desgraça? - perguntou arrebatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do padre Carlos o pranto e evitar as suas zombarias, não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

- Foi o pai de Amanda que morreu! - disse, mostrando-lhe o livro aberto.

Compreendeu o padre Carlos e soltou uma gargalhada, como ele as sabia dar, verdadeira gargalhada homérica, que mais parecia uma salva de sinos a repicarem do que riso humano.

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção?

Não me animo a resolver esta questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões.

Nosso repertório romântico era pequeno, compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outras de que já não me recordo.

Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária, que mais tarde deviam servir aos primeiros esboços do jovem escritor.

Mas não tivesse eu herdado de minha mãe a imaginação de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu somente sinto a chama incessante, e essa leitura de novelas mal teria feito de mim um mecânico literário, desses que escrevem teatro de fantoches em vez de romances.

Como e por que sou romancista, José de Alencar (adaptado).
Editora Mercado Aberto, págs. 25-32.